

# VIOLAR PARA PRESERVAR: MÁXIMAS CONVERSACIONAIS E TRABALHO DE FACE NA CPI DA COVID-19

**Mariana dos Santos Freitas, Vanessa Hagemeyer Burgo, Sheyla Cristina Araujo Matoso**

marianasantos31@hotmail.com, vanessa.hagemeyer@ufms.br, sheyla.matoso@ufms.br

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

**V Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2025**

**Resumo.** *O presente trabalho tem como objetivo analisar o emprego das máximas conversacionais de Grice (1975) em relação ao trabalho de face (Goffman, 1967; Brown e Levinson, 1987) em depoimentos da CPI da Covid-19. Para a análise, selecionamos três excertos dos depoimentos proferidos pelos ex-ministros da Saúde: Mandetta, Queiroga e Pazuello. Com o intuito de refiná-la, lançamos luz sobre duas máximas: a de modo e a de relação. Os excertos foram transcritos com base nas normas de Dino Preti (2009), e a metodologia empregada foi empírico-indutiva, uma vez que trabalhamos com dados reais e próprios da língua falada (Marcuschi, 2001). Os resultados evidenciam que os ex-ministros tentam se eximir de quaisquer responsabilidades ou temas que possam comprometer sua imagem pública, utilizando, para isso, violações das máximas conversacionais e estratégias para preservar tanto a face negativa quanto a positiva.*

**Palavras-Chave:** *Máximas Conversacionais; Trabalho de Face; CPI.*

**Abstract.** *This research aims to analyze the application of Grice's (1975) conversational maxims in relation to facework (Goffman, 1967; Brown & Levinson, 1987) in testimonies given during the Brazilian Parliamentary Commission of Inquiry (CPI) on COVID-19. For the analysis, we selected three excerpts from the testimonies of former Ministers of Health: Mandetta, Queiroga, and Pazuello. To refine the examination, particular attention is given to two maxims: manner and relation. The excerpts were transcribed according to Dino Preti's (2009) guidelines, and the methodology employed was empirical-inductive, as the study relies on authentic spoken language data (Marcuschi, 2001). The findings indicate that the former ministers sought to avoid any responsibility or topics that could undermine their public image, employing violations of the conversational maxims and strategies aimed at preserving both negative and positive face.*

**Keywords.** *Conversational Maxims; Facework; CPI.*

## 1. Considerações Iniciais

A pandemia de Covid-19 apresentou desafios em larga escala para governos e, principalmente, para a população, que lutava contra o vírus da forma que podia. Essa crise sanitária expôs fragilidades nos sistemas de saúde e gerou intensos debates políticos e sociais sobre a forma de tratamento da doença em cada país. No Brasil não foi diferente, pois fez-se necessária a implementação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI da Covid-19) para investigar ações e omissões do governo federal naquele período.

Diante da relevância do tema e do momento histórico, considera-se fundamental realizar análises no campo da Análise da Conversação (AC) e da Pragmática, com o intuito de contribuir para a ampliação do campo de investigação dessas áreas. Autores como Grice (1975), Goffman (1967), Brown e Levinson (1987), Kerbrat-Orecchioni (2006), Marcuschi (2001), entre outros, oferecem fundamentos teóricos essenciais para compreender as estratégias de interação, sobretudo no que tange às máximas conversacionais e à preservação da face.

Desse modo, este artigo tem como objetivo verificar a violação ou a observância das máximas conversacionais de modo e relação e as estratégias de preservação da face presentes nas interações entre o relator Renan Calheiros e os ex-ministros da Saúde Luiz Henrique Mandetta, Marcelo Queiroga e Eduardo Pazuello durante as oitivas da CPI da Covid-19. As análises destacam tensões entre a obrigação de prestar contas e o desejo de preservação de autoimagem e como isso aparece e influencia o desenvolvimento do discurso.

## 2. Panorama teórico sobre Pragmática e Máximas Conversacionais

A pragmática é um ramo da linguística que se concentra na análise do uso da língua em contextos específicos (contexto de interação) e investiga a construção do significado para além das palavras isoladas. A respeito da pragmática, Fiorin (2021) afirma que ela se desenvolve na relação entre “estrutura da linguagem e seu uso o que fora deixado de lado pelas correntes anteriores da Linguística”. O autor ainda destaca que se trata de um estudo relevante, pois “há palavras e frases cuja interpretação só pode ocorrer na situação concreta de fala” (Fiorin, 2021. p. 166).

De acordo com Pinto (2012), a pragmática aparece como um campo que defende a “não centralidade da língua em relação à fala” (Pinto, 2012, p. 56). Desse modo, a concentração dos estudos pragmáticos na relação entre linguagem e contexto, destaca que os significados são produzidos com base em aspectos sociais, culturais e situacionais. Essa visão é importante para a AC, a medida em que investiga como os atos ilocutórios, as intenções dos interlocutores e as normas sociais do texto falado se articulam (Searle, 1994; Lopes, 2018).

Os estudos pragmáticos se conectam diretamente com o conceito de *Máximas Conversacionais*, formulado pelo filósofo Herbert Paul Grice (1913–1988). Tais máximas se baseiam em princípios que regulam as interações linguísticas, contribuindo para a fluidez e a clareza do texto falado. Segundo essa teoria, ao seguirem as máximas conversacionais, os falantes tendem a evitar mal-entendidos e a contribuir para um ambiente comunicativo mais cooperativo.

No artigo *Logic and Conversation*, o autor aborda o tema das implicaturas conversacionais, no qual afirma que “em alguns casos, o significado convencional das palavras usadas determinará o que está implicado, além de ajudar a determinar o que é dito” (Grice, 1975, p. 44)<sup>1</sup>. A partir disso, o filósofo conceitua quatro máximas que gerem uma comunicação eficiente e livre de ambiguidade e confusões. Entretanto, quando violadas prejudicam na clareza e na cooperação entre os interlocutores. As quatro máximas são: máxima da qualidade, quantidade, relação e modo.

A máxima da quantidade pressupõe que a informação fornecida seja suficiente para atender à necessidade da interação, ou seja, que o falante diga apenas o que for necessário, sem acrescentar ou omitir dados relevantes. Por exemplo, diante da pergunta “Que dia você precisa entregar esse artigo?”, a resposta “No dia 12 de agosto” atende ao princípio, pois não apresenta excesso nem falta de informação.

A máxima da qualidade estabelece que as contribuições devem ser baseadas em dados verdadeiros e comprováveis, garantindo a confiabilidade da mensagem e evitando afirmações enganosas. Um exemplo seria a afirmação “A Covid-19 é uma doença

---

<sup>1</sup> No original: “In some cases the conventional meaning of the words used will determine what is implicated, besides helping to determine what is said (Grice, 1975, p. 44).

respiratória aguda com alto índice de mortalidade e transmissibilidade, provocada pelo SARS-CoV-2”, que se apoia em evidências científicas verificáveis.

A máxima da relação parte do princípio de que a contribuição deve ser relevante e compatível com o contexto da conversa, respondendo diretamente ao que é requerido. Grice (1975) exemplifica essa máxima com o ato de fazer um bolo: se alguém pede algo para mexer os ingredientes, espera-se que o interlocutor ofereça uma colher, e não um livro ou um pano de forno, que não contribuiriam de maneira imediata para a execução da atividade.

Por fim, a máxima do modo pressupõe que a contribuição seja formulada de maneira clara e organizada, evitando ambiguidades, desorganização ou detalhes supérfluos. Assim, ao dizer “Ele chegou às 6h no trabalho hoje” em vez de “Ele chegou cedo”, o falante transmite a informação de forma objetiva e facilmente compreensível.

Conforme afirma Fiorin (2021), Grice (1975) não defende um modelo ideal e fechado sem considerar os conflitos da interação “mesmo quando a comunicação é conflituosa, ela opera sobre uma base de cooperação na interpretação dos enunciados, sem o que o conflito não se pode dar” (Fiorin, 2021, p. 178). Portanto, a violação das máximas conversacionais, não implica, necessariamente, uma falha na comunicação, mas sim o reconhecimento de que a interpretação pode variar de acordo com o contexto e as intenções dos falantes.

### **3. O conceito de *face* para Goffman**

Diante das interações sociais cotidianas e das expectativas conversacionais, diversos recursos são utilizados na tentativa de expressar o seu eu. Ao longo dessas interações, damos vida a diferentes formas de agir, que variam conforme o contexto e a natureza da relação estabelecida. Entendendo que existe essas alterações de papéis da vida cotidiana, Barbosa (2018) afirma que a teoria goffmaniana sobre a interação social foi influenciada pela Teoria do Teatro, refletindo a maneira como o sociólogo pensa nos indivíduos como atores e representantes de papéis nas interações sociais do dia a dia.

O sociólogo Goffman (1967) cunhou o conceito de *face*, que não se refere à face física ou ao rosto, mas sim à imagem social que os indivíduos buscam preservar nas interações cotidianas. O autor define face como uma “imagem auto-delineada em termos de atributos sociais aprovados, embora seja uma imagem que outros possam compartilhar”

(Goffman, 1967, p.5)<sup>2</sup>. A autoimagem representa a identidade pública que o indivíduo constrói e se esforça para proteger nas interações, tendendo projetar uma autoimagem positiva e preservar (ou não) a imagem dos outros.

Nessa interação a troca é mútua, pois cada pessoa desenvolve sentimentos sobre a face que o outro está sustentando, e essa dinâmica se ajusta conforme o andamento da interação (Goffman, 1967). Isso reforça o que foi discutido anteriormente sobre a importância da interação na construção da comunicação: a fala não é um ato isolado, mas depende da relação entre falante e interlocutor, com alternância constante de papéis.

A manutenção da face é essencial para garantir uma interação bem-sucedida, pois reflete as expectativas e valores sociais que sustentam as trocas comunicativas. A construção da própria face e da face do outro ocorre em uma ordem mútua, guiada pelas normas sociais e regras do grupo, que delimitam a forma de interação e o grau de envolvimento dos participantes:

Pode-se dizer que uma pessoa *tem*, *está* ou *mantém* a face quando a linha que ela efetivamente adota apresenta uma imagem dela que é internamente consistente, apoiada por julgamentos e evidências transmitidas por outros participantes e que é confirmada por evidências transmitidas por agências impessoais na situação (Goffman, 1967, p. 6-7, destaque do autor)<sup>3</sup>.

Conforme argumenta Goffman (1967), essa constante negociação de face é fundamental para o funcionamento das relações sociais, uma vez que o comportamento de cada participante influencia diretamente a imagem social do outro. Vale destacar, que a validação da face não depende exclusivamente da atitude do falante, mas também da aceitação por parte do interlocutor.

Portanto, ao entendermos a face como uma imagem de si sustentada por valores sociais, reconhecemos que ela está profundamente relacionada aos comportamentos verbais dos interlocutores, e não a elementos materiais. O aspecto essencial reside nos valores socialmente atribuídos e no que é aceito dentro de determinado contexto social, o que revela o caráter relacional da face nas interações sociais.

---

<sup>2</sup> No Original: Face is an image of self delineated in terms of approved social attributes-albeit an image that others may share (...) (Goffman, 1967, p. 5).

<sup>3</sup> No original: A person may be said to *have*, or *be in*, or *maintain* face when the line he effectively takes presents in the image of him that is internally consistent, that is supported by judgments and evidence conveyed by other participants, and that is confirmed by evidence conveyed through impersonal agencies in the situation” (Goffman, 1967, p. 6 – 7, destaque do autor).

## 4. Metodologia

De acordo com Marcuschi (2001b, p. 49), “transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para a gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados”. De acordo com essa afirmação, esta pesquisa foi conduzida a partir da seleção e transcrição das oitivas na CPI da Covid-19 de três ex-ministros da saúde: Luiz Henrique Mandetta; Marcelo Queiroga e Eduardo Pazuello. Selecionamos para análise um pequeno excerto de cada uma delas. O *corpus* coletado está disponível no canal da TV Senado no YouTube. Para a transcrição utilizamos como base as normas de Preti (2009), presentes em todos os volumes dos Projetos Paralelos – NURC/SP. Abaixo disponibilizamos, o quadro com as normas utilizadas para transcrição dos excertos.

Quadro 1 – Normas para transcrição<sup>4</sup>

Ocorrências	Sinais	Exemplificação*
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	do nível de renda... ( ) nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/e reinicia
Entonação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: ... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição: desvio temático	- - - -	... a demanda de moeda - - vamos dar essa notação - - demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	[ Ligando as linhas	A. na [ casa da sua irmã B. sexta-feira? A. fazem [ lá... B. cozinham lá?

<sup>4</sup> \*Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP no. 338 EF e 331 D2.

Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“entre aspas”	Pedro Lima ... ah escreve na ocasião... “ O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIRA entre nós”...

Fonte: Preti (2009, p. 17-18)

**“OBSERVAÇÕES:**

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.).
2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por está: tá? você está brava?).
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros em itálico.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o cadenciamento da frase.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa).
8. Não se utilizam sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa” (Preti, 2009, p. 17-18).

Marcuschi (2001) certifica que a característica metodológica fundamental da AC é sua operação indutiva, sem a adoção de modelos pré-estabelecidos uma vez que sua análise se baseia em dados empíricos de interações reais. Portanto, após a transcrição dos depoimentos, a investigação seguiu o método empírico-indutivo, embasado nas particularidades da língua falada e na diversidade própria das interações espontâneas em contextos autênticos (Galembeck, 1999).

Nesse sentido, análise seguirá uma estrutura linear e será redigida em formato de texto corrido, abordando os seguintes aspectos: a relação de face entre os interlocutores e a observância ou violação das máximas conversacionais de modo e relevância. Os excertos se encontram em um quadro com fonte reduzida para aprimorar o espaço e a visualização e sublinhado as partes relevantes para as análises.

## 5. Análise de dados

### Excerto 1 (Luiz Henrique Mandetta)

*Renan Calheiros: éh:: segundo especialistas uma das... ações mais efetivas para o controle e a disseminação da:: covid-19 é a realização de testagem em massa da população... éh:: política essa que foi recomendada principalmente após os bons resultados terem sido observados em países...(...) ainda assim o Brasil não lançou essa estratégia em NEnhum momento... incluindo:: o período:: compreendido em sua gestão... por que sua gestão não estruturou uma política de testagem em massa da população?*

*Mandetta: senhor senador... no... mês de... marÇO nós iniciamos... todo processo de aquisição da testagem em vinte e quatro MILhões de testes não adianta comprar só o teste tem que processar os testes de maneira automatizada... (...) disparamos o processo de aquisição com todas as dificuldades... mas... éh:: isso só foi*

recebido só foi assinado o recebimento dos testes já era o ministro:... subsequente o ministro Teich éh e depois eu soube que os testes não foram... essa estratégia não foi utilizada essa era... éh:... de uma maneira muito clara... (...)

Renan Calheiros: ministro Mandetta havia impedimento técnico para... tanto?

Mandetta: não havia o teste

Renan Calheiros: não havia o teste?

Mandetta: não havia como você adquirir era uma carência mundial... nós fizemos um convenio com a organização Pan-Americana de Saúde com a OPAS pra via intercedência com a OPAS aumentar a produção... ela nos solicitou quinze dias nós entramos em contato com a mundial da saúde nós fizemos licitações... a Fiocruz entrou em compra internacional iniciativa privada brasileira também... no início nós tínhamos aqueles chamados testes rápidos... que eram testes... éh.: e o próprio RT-PCR<sup>5</sup> que é o padrão ouro... aquele seria nosso... dia e os testes rápidos seriam testes complementares auxiliares... lembrando que cada vez que se testa os contactantes ficam em casa os contactantes ficam em isolamento com o protocolo não é só a testagem...

No excerto 1, Calheiros questiona o ex-ministro sobre a inexistência de uma política de testagem em massa, pois esse seria um fator importante para o controle da disseminação do vírus conforme observado em outros países. A partir dessa pergunta, o relator coloca em questão a competência de Mandetta como ex-ministro da pasta da Saúde, o que pode representar uma ameaça à sua face positiva a medida em que questiona seus esforços para a contenção da doença.

Em resposta, o ex-ministro procura justificar as ações e estratégias do Ministério da Saúde utilizando palavras que o afasta de uma decisão particular (iniciamos, nós, disparamos, tínhamos, fizemos, entramos), com o intuito de preservar sua imagem e reputação como gestor de uma pasta e não como agente sozinho na tomada de decisões. Ainda na tentativa de proteger sua face positiva, o depoente transfere a responsabilidade pela implementação da política de testagem para a gestão de seu sucessor, o ex-ministro Teich.

Na sequência, Renan formula uma pergunta objetiva, indagando se havia “impedimento técnico” para a aquisição dos testes. Mandetta afirma que não era possível obtê-los devido a uma “carência mundial”. Dessa forma, o ex-ministro recorre a estratégias discursivas para preservar sua face positiva, afastando-se da responsabilidade direta por eventuais falhas na política de testagem. Ou seja, a questão da carência mundial

---

<sup>5</sup> Traduzido para o português RT-PCR significa “reação de transcriptase reversa seguida de reação em cadeia da polimerase”. A testagem é realizada por meio de amostras de secreção nasal e, apesar do incomodo, é uma das melhores formas de detectar a Covid-19. (Para ver mais: <https://namata.com.br/rt-pcr-saiba-quando-fazer-o-exame/>).

ultrapassaria seus limites de controle como gestor, eximindo-se, assim, da culpa pela falta da política de testagem, pois se tratava de um problema global.

No que diz respeito à máxima de relação, Mandetta mantém-se pertinente ao abordar as dificuldades de implementação da testagem em massa, embora inclua elementos que extrapolam o núcleo da pergunta, como informações sobre a estrutura de processamento dos testes e os aplicativos utilizados para comunicar os resultados. Esses recursos são utilizados na tentativa de preservar sua autoimagem como um gestor eficiente e preparado.

Por alto, conforme afirma Grice (1975) sobre a máxima de modo, a interação precisa ser clara e sem ambiguidades. Com base nisso, a resposta do ex-ministro pode ser interpretada de duas maneiras: a primeira é que para os integrantes da CPI, o discurso técnico não representa dificuldade de compreensão; a segunda, se considerar o público leigo, o uso de siglas (neste caso específico o uso de RT-PCR) pode comprometer a clareza, gerando dúvidas pelo não entendimento do significado. Contudo, considerando o contexto de investigações no âmbito jurídico e na prestação de contas, entende-se que Mandetta cumpre a máxima de modo.

### *Excerto 2 (Marcelo Queiroga)*

“Renan Calheiros: não dá pra comparar porque... nenhum chefe de Estado nem de governo desses países tratou o vírus como gripezinha... então essas comparações são ineficazes não não dá... ((tossiu)) eu queria perguntar a vossa excelência na sequência o seguinte em sua opinião... o que faltou ao Brasil... para:: evitar que esses trágicos números de mortos... e o colapso referido aqui por vossa excelência do sistema de saúde que estamos enfrentando?”

Marcelo Queiroga: senador nós não temos uma uma resposta exata para essa situação... porque nós lidamos com um vírus que tem uma imprevisibilidade biológica extrema... esse vírus ele tem capacidade de mutações... não é? e o que aconteceu é com a variante P1 não é? que foi muito mais intensa do que... aquela primeira onda... (...) exige éh decisões que não são simples e que exige a adesão éh de TODos pra que tenhamos o resultado o que foi feito de bom por exemplo... a medida provisória... éh:: que o presidente da república editou... com vinte bilhões de:: re/reais pra vacinas que foi aprovado pelos senhores senadores... o auxílio emergencial que foi aprovado por essa casa e aqui eu já cumprimento éh:: os senhores senadores por apoio a essa medida importante né? eu como ministro da saúde como o senhor destacou há quarenta e cinco dias na pasta eu estou procurando... de maneira muito... determinada... buscar esses consensos éh e trazer os subsídios uteis... pra que o nosso governo ele consiga em parceria com governos de Estados e Municípios... dá as respostas que a sociedade exige de nós... não é só do poder executivo ou do ministério da saúde... é de todos os homens públicos... dessa grande nação... os prefeitos dos mais de cinco mil municípios... os governadores dos Estados... éh os parlamentares enfim todos nós... éh unir a população brasileira (...)

<sup>6</sup> Na resposta anterior, Queiroga tenta comparar as dificuldades do tratamento da pandemia com sistemas de saúde de outros países como italiano e norte-americano: “vários sistemas de saúde do mundo... eles... vamos dizer assim... eles tiveram muita dificuldade no enfrentamento a covid-19 aqui eu destaco o sistema de saúde inglês o sistema de saúde... éh italiano o próprio sistema americano não é? então”.

Segundo Brown e Levinson (1987), a face negativa consiste no desejo de liberdade e autonomia, manifestado nas interações sociais, a medida em que o falante busca agir sem imposições externas. A face positiva diz respeito à necessidade de aceitação e aprovação social, na qual o falante procura construir e manter uma imagem valorizada de si mesmo. Nesse sentido, no excerto 2, Renan Calheiros rejeita de forma contundente as comparações feitas por Queiroga a respeito do tratamento da Covid-19, afirmando: “não dá pra comparar porque... nenhum chefe de Estado nem de governo desses países tratou o vírus como gripezinha... então essas comparações são ineficazes não não dá”.

Com essa declaração, o relator preserva sua face negativa ao se manter em uma postura autônoma e firme, ao mesmo tempo em que ameaça a face positiva de Queiroga. Quando menciona que “nenhum chefe de Estado... tratou o vírus como gripezinha”, Renan desafia as ações do governo brasileiro, sugerindo que líderes estrangeiros teriam sido mais responsáveis no tratamento da pandemia.

Após esse momento de tensão, o relator faz o seguinte questionamento: “o que faltou ao Brasil... para:: evitar que esses trágicos números de mortos?”. Queiroga procura estabelecer uma autoimagem positiva, tanto pessoal quanto institucional, destacando ações que sustentam essa percepção. O ex-ministro argumenta que o país enfrentava um vírus de “imprevisibilidade biológica” e com “capacidade de mutações”, minimizando, assim, a ideia de que o Ministério da Saúde poderia ter evitado o colapso pandêmico.

Queiroga reforça essa estratégia ao mencionar o curto período em que esteve à frente da pasta (quarenta e cinco dias), salientando sua atuação determinada na “busca por consensos” e na “parceria com governos de estados e municípios”. Com isso, tenta construir uma imagem de gestor comprometido com soluções coletivas e defensor da responsabilidade compartilhada entre diferentes esferas de poder. Entretanto, a eficácia dessa preservação da face positiva é limitada, pois o ex-ministro recorre a generalizações, o que enfraquece a credibilidade de seu discurso.

Quanto à máxima da relação, Queiroga começa destacando que não tem uma resposta exata para a pergunta e, a partir disso, faz um longo discurso que não se relaciona direta e objetivamente com a pergunta inicial. Nesse sentido, há trechos de desvio temático, como, por exemplo, o elogio a medidas já aprovadas (auxílio emergencial e

compra de vacinas), que se distanciam da pergunta principal e funcionam mais como estratégia política e de autopreservação de imagem do que como resposta direta.

A resposta de Queiroga apresenta a violação da máxima de modo por duas razões: a construção de frases longas e pouco lineares, com inserção de exemplos e digressões (como a menção ao auxílio emergencial), além de não responder diretamente à pergunta inicial; e o uso de termos vagos e pouco específicos, como “procurar... focar nos nossos consensos” e “trazer os subsídios úteis”, sem esclarecer concretamente as ações do ministério da saúde brasileiro.

### *Excerto 3 (Eduardo Pazuello)*

Renan Calheiros: que orientações e solicitações relacionas... as ações de combate a pandemia o presidente da república lhe fez durante a sua gestão?

(...)

Eduardo Pazuello: as orientações... éh:: volto a colocar aqui.. na verdade... eu levava... as ideias pro presidente e diz/contava como estava:: a pandemia... como ela... como é como é que era a visão... senhores... a antes só fazer uma pequena uma pequena uma pequena... uma pequena di/ mudança na pergunta vou já voltar a ela... éh:: quando gente fala sobre como é que está... qualquer coisa... você tem que ter um dado comparativo... isso aqui está bom... está bom em relação ao que? aquilo tá rápido... tá rápido em relação ao que? aquilo tá demorado tá demorado em relação ao que? quando você tem coisas inéditas... você está descobrindo as coisas... não tem nem rápido nem demorado nem bonito nem feio... são... coisas que estão acontecendo pela primeira vez... é muito importante a gente compreender e... (...) eu procurava levar ao presidente... então voltando a a sua pergunta levar ao presidente a minha visão em cada momento... como estava... acontecendo a pandemia lá em abril maio como foi em Manaus... naquele abril e maio em Manaus então quando eu vim de Manaus eu trouxe ideias do que eu vi lá... (...) obviamente a a conversa... era de ineditismo como é que eu ia fazer aquilo não pode faltar aquilo outro... Pazuello você precisa de mais alguma coisa? já falou com o MD pra fazer a logística disso ou daquilo essa era as conversas... as conversas eram em altíssimo nível... para fazer soluções

Conforme Kerbrat-Orecchioni (2006), as ameaças verbais à face negativa do interlocutor incluem “perguntas ‘indiscretas’” e, de forma mais ampla, atos que, em alguma medida, são inoportunos ou “diretivos”, como ordens, interpelações, proibições ou conselhos” (Kerbrat-Orecchioni, 2006 p. 79, grifo da autora).

Nessa perspectiva, Renan Calheiros ameaça a face negativa de Pazuello ao formular a pergunta: “que orientações e solicitações relacionas... as ações de combate a pandemia o presidente da república lhe fez durante a sua gestão?”. O enunciado constitui uma ameaça porque o relator não indaga se houve orientações, mas, ao empregar o pronome interrogativo “que”, pressupõe a existência dessas orientações. Com isso, o relator coloca em xeque a autonomia de Pazuello como ministro e busca pressioná-lo a admitir a influência do presidente Jair Bolsonaro nas decisões de combate à pandemia.

Para preservar sua face, Pazuello responde de forma prolixa e não afirma se houve tais orientações e quais foram. O depoente recorre ao argumento do ineditismo da situação e mesmo quando volta à pergunta inicial não replica de forma satisfatória, mas procura deslocar o foco da questão para um contexto excepcional, minimizando a percepção de que teria atuado sob ordens diretas. Ele ainda enfatiza que “procurava levar ao presidente (...) a minha visão em cada momento”. Desse modo, a tentativa de preservar sua autoimagem é frustrada, pois coloca em dúvida se realmente exercia sua função de forma autônoma e em benefício da população.

Quanto a máxima da relação, a pergunta de Renan Calheiros solicita informações objetivas sobre quais orientações e solicitações o presidente da República fez a Pazuello durante sua gestão. Na resposta, Pazuello não é pertinente, pois menciona de forma vaga que o presidente questionava sobre as necessidades do ministério da saúde. Além disso, grande parte de sua fala é ocupada por considerações genéricas sobre o “ineditismo” da pandemia e relatos sobre experiências em Manaus, que não respondem direta ou detalhadamente a pergunta inicial. Assim, a relação é enfraquecida pelo excesso de contextualização e pela ausência de exemplos específicos de orientações ou solicitações.

Pazuello viola a máxima de modo, pois a estrutura discursiva é dispersa e prolixa, com idas e voltas no raciocínio o que fragmenta a organização das ideias. Falas genéricas como “coisas inéditas” e “altíssimo nível” não especificam quais orientações ou solicitações foram feitas, gerando pouca objetividade. Entende-se que Pazuello faz esse movimento na tentativa de preservar a imagem de autonomia no ministério, além de resguardar uma boa relação com o ex-presidente e não o comprometer.

## 6. Considerações finais

As análises realizadas nesta pesquisa destacaram a complexidade das dinâmicas linguísticas em contextos institucionais e políticos, caracterizados por elevado grau de conflito. Ao investigar trabalho de face e violações das máximas de Grice (1975), o estudo oferece contribuições relevantes para o campo da pragmática e da AC. Tais áreas que, tradicionalmente, exploram as nuances da interação humana e os efeitos sociais da linguagem, encontram, nesta pesquisa, um exemplo prático de como as escolhas discursivas estão intrinsecamente ligadas a fatores como poder, posicionamento político e preservação de imagens públicas em cenários formais e de alta tensão.

Nas considerações finais, observa-se que as interações entre Renan Calheiros e os ex-ministros da Saúde revelam dinâmicas complexas de preservação da face, evidenciando tanto estratégias de autoproteção quanto tentativas de ameaça à imagem dos interlocutores. Mandetta, Queiroga e Pazuello recorrem a recursos discursivos variados para resguardar sua face positiva, como a justificativa das dificuldades técnicas, a transferência de responsabilidades e o uso de discursos prolixos ou genéricos que minimizam falhas e diluem acusações. A análise à luz das máximas de Grice (1975) demonstra que os três ministros apresentam desvios temáticos e respostas não objetivas, fragilizando a comunicação e a credibilidade perante a CPI e aos interlocutores.

A pesquisa dialoga com debates mais amplos da pragmática e da AC, ao evidenciar como o trabalho de face (Goffman, 1967), e a evasão e manipulação discursiva (por meio da violação das máximas conversacionais de Grice, 1975) se manifestam em contextos de alta tensão. Essa abordagem amplia a compreensão das funções da linguagem em situações de conflito e inquisitivas, contribuindo para teorias que analisam o impacto da construção narrativa no fortalecimento ou no enfraquecimento das dinâmicas conversacionais.

## 7. Referências

- BARBOSA, Rodrigo Seixas Pereira. Inter(faces) em releitura retórico-probematológica da relação entre ethos e face em um discurso político. In: Cunha, Ximenes Gustavo; Oliveira, Ana Larissa A. Marciotto (Org). **Múltiplas perspectivas do trabalho de face nos estudos da linguagem**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, 2018, p. 109 a 128.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. **Politeness: some universal in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- FIORIN, José Luiz. Linguagem em uso. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística I: objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- GRICE, Herbert Paul. Logic and conversation. In: COLE, Peter; MORGAN, Jerry L (Eds.). **Syntax and semantics**. New York: Academic Press, 1975, p. 41-58.
- GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual: essays on face-to-face behaviour**. Garden City, N. Y.: Anchor/Doubleday, 1967.

- GALEMBECK, Paulo de Tarso. Metodologia de pesquisa em português falado. In: RODRIGUES, Ângela C. de S.; ALVES, Ieda M.; GOLDSTEIN, **Norma S. I.** **Seminário de Filologia e Língua Portuguesa.** São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação:** princípios e métodos. Trad. Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.
- LOPES, Ana Cristina M. **Pragmática:** uma introdução. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação.** São Paulo: Editora Ática, 5ª ed., 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. São Paulo: Cortez Editora, 3ª ed., 2001b.
- PRETI, Dino. Normas para transcrição. In: PRETI, Dino. **Oralidade em textos escritos.** São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP - Projetos paralelos, vol. 10, p. 17-18, 2009.
- PINTO, Joana P. Pragmática. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. (org.). **Introdução à linguística:** domínios e fronteiras, vol. 2. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 55 - 79.
- SEARLE, John R. **Os actos de fala:** um ensaio de filosofia da linguagem. Coimbra: Almedina, 1994.